



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

Eixo: Planejamento e Gestão do Território

A RELAÇÃO DA PAISAGEM COM AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO PLANEJAMENTO AMBIENTAL

Silvana De Jesus Galdino¹
Janice Costa da Silva Fauro²
Jocimara Maciel Correia³

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo analisar a dinâmica representada por aspectos relacionados à paisagem, bem como a implantação de áreas de preservação ambiental. Com a evolução da Geografia, os conceitos foram sendo dinamizados e estudados de forma mais aprofundada. O homem tem relação direta com os recursos naturais e, portanto age conforme suas necessidades, transformando as paisagens, por vezes de formas indevidas. A metodologia empregada envolveu a revisão de autores, relacionando paisagem e as áreas de preservação ambiental. Nesse sentido, a Geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico, produzido pelo homem que, ao intervir no meio natural, adapta-o à sua exploração, manutenção, e, à utilização dos seus recursos, segundo as formas institucionais e as disponibilidades culturais, técnicas e econômicas de que dispõe. Sendo assim, a paisagem é analisada como produto histórico das transformações naturais e culturais que contribui para o conhecimento dos lugares. Visto que a paisagem é multidisciplinar e, seu enfoque varia dependendo do referencial e percepção do observador.

Palavras- Chave: Espaço Geográfico. Paisagem. Unidades de Conservação.

INTRODUÇÃO

Tratando-se dos conceitos da Geografia, tem-se um padrão, ou seja, um modelo a ser seguido. Toda ciência é formulada por conceitos, portanto a linguagem geográfica necessita da formulação de conceitos-chave como pré-requisito para a análise dos fenômenos geográficos. As configurações das denominadas correntes de pensamento na Geografia contribuem para compreendermos o desenvolvimento

¹Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá-UEM, silgaldino@outlook.com

²Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá-UEM, janice_smi@hotmail.com

³ Pós Graduanda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia, Meio Ambiente e Ensino, Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. jocimara_maciel@hotmail.com



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

do conhecimento em cada contexto histórico, nos quais as relações de produção e poder foram geridas.

O crescente processo de degradação dos ambientes naturais gerou iniciativas em escala mundial para criação de áreas legalmente protegidas (Unidades de Conservação), por legislação específica e com regime de uso voltado à conservação. No passado, a escolha de uma área protegida se dava com base nos aspectos cênicos, potencialidades de lazer e na disponibilidade de terra. Várias unidades de conservação no mundo foram criadas a partir desta perspectiva.

Diante dessas mudanças e dos avanços tecnológicos, constata-se que a paisagem está em contínua transformação. Como organismo de alteração do espaço, pela Geografia, concebe-se como uma das mais ricas categorias do conhecimento e também mais profunda de debate.

Aprofundar-se nos aspectos sobre paisagem é abranger o espaço tanto através dos processos visíveis, quanto por meio da aparência dos lugares. A paisagem está entra a vinculação pensamento e imagem, sendo um dos mais adversos ângulos aceitos por diferentes conhecimentos e correntes epistemológicas.

Considera-se esse termo paisagem, através da identidade, revelando as transformações empregadas por seus povos, não somente nas suas formas naturais, mas que evidenciam sua cultura, suas relações de produção e as transições sociais. Visto que a paisagem é multidisciplinar, o seu enfoque varia dependendo do referencial e percepção do observador. Entende-se que enquanto materialidade do espaço percebido, a paisagem é um produto histórico de transformações naturais e culturais que contribui para o conhecimento dos lugares e das comunidades que nelas atuam.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de referencial teórico, sendo realizada em dois momentos. No primeiro momento busca-se compreender e relacionar o conceito de paisagem, com isso, utilizou-se de autores clássicos para a



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

discussão, dentre eles Saquet (2007), Bertrand (1982), Corrêa (1998,2001), Bolós (1992), Santos (1997). Em seguida, utilizou-se da discussão para analisar e relacionar os conceitos de paisagem na perspectiva da manutenção das áreas de preservação ambiental.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Geografia tornou-se reconhecida como ciência no século XIX e tem como referência as pesquisas do naturalista Alexander Von Humboldt, admitido como um dos alicerces da ciência geográfica, em decorrência das sólidas bases conceituais que elaborou sobre essa área do conhecimento. Entre suas reflexões atesta, “a descrição dos cenários e os sentimentos associados ao mesmo fluem na mente por inspiração da contemplação da arte que imita a paisagem, emerge a visão imediata das características naturais dos elementos observados, em diferentes épocas e entre diversas raças e nações” (HUMBOLDT, 1849, p. 5).

Outra situação é referente o desenvolvimento do conhecimento geográfico, segundo Bolós (1992, p.6) “teve a primeira fundamentação lógica da constituição da superfície terrestre, elaborada por Humboldt, quando surgem às bases para o entendimento da paisagem”. Humboldt menciona a interatividade que ocorre na natureza, onde seus elementos entrelaçados entre si ativam-se em um único corpo, o qual chama de “organismo vivo”.

Essas foram, em linhas gerais, as principais contribuições de Humboldt que orientaram a continuidade das pesquisas relacionadas a superfície da Terra como uma unidade integrada e com grau de complexidade crescente. Foram, principalmente seus alunos que contribuíram para a evolução do entendimento da paisagem como resultado da interação dinâmica e constante de seus elementos estruturais sob diferentes análises metodológicas.

A paisagem é determinada por características naturais da geomorfologia, clima, uso da terra e também pela própria percepção do que vemos. Dessa maneira na história, as paisagens têm sido amplamente modificadas pela ação humana



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

fazendo com que os elementos naturais sejam cada vez mais raros. Com o avanço tecnológico a “paisagem natural” foi ligeiramente substituída pela paisagem cultural (MAGRO, 1996).

Entre os pioneiros da renovação dos significados e explicações sobre paisagem está também Gambi (1961), que elucida a relação existente entre a forma e a estrutura na paisagem. Sendo assim, pode-se compreender a paisagem nas relações de poder, usos e concepções de uso, sentimentos de pertencimento e identidade (CORREA, 1998).

Diante do exposto, entende-se que o homem tem uma relação direta com o tema paisagem, ou seja, há uma relação entre sujeito e objeto, pois um interage com o outro de forma direta, principalmente o homem em relação à natureza e a paisagem propriamente dita. Nesse aspecto, quando se refere no contexto das ações humanas viabiliza-se uma concepção de território da qual se relacionam o homem e o espaço geográfico.

Na visão de Dollfus (1991, p.29), “a ação humana tende a transformar o meio natural em meio geográfico, isto é, em meio moldado pela intervenção do homem no decurso da história”. A modificação das paisagens nem sempre se faz no sentido de uma deterioração do meio natural. A ação combinada em relação à paisagem trata-se da modificação não resultante somente da ação de um indivíduo, mas sim de toda uma sociedade.

Após essas discussões e conceitos, a paisagem é determinada por características naturais da geomorfologia, clima, uso da terra e também pela própria percepção do que vemos. Na história, as paisagens têm sido amplamente modificadas pela ação humana fazendo com que os elementos naturais sejam cada vez mais raros.

Em consequência dessas ações humanas, as paisagens são modificadas, do ponto de vista físico, pois aí entra a questão, transformam-se as paisagens, para construção de novas paisagens. Aborda-se essa ação pelo fato de que, uma paisagem pode ser vista de vários aspectos e interpretada de várias maneiras distintas.



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

Nessa perspectiva, enfoca-se o que acontece no aparecimento das cidades. Para sua construção é necessária uma série de fatores, todos envolvidos na mudança da “paisagem natural” propriamente dita. Sendo assim, “para que se efetue a construção de ruas e o loteamento em terrenos, toda a vegetação desse lugar é eliminada, o que também provoca o desaparecimento de sua fauna”, sem falar da flora, ou seja, a paisagem natural que antes existia, fora eliminada (SPÓSITO 2004, p.72).

Ainda, segundo Spósito (2004, p.76), à outra questão muito séria que tem a ver com a poluição e a inversão dos papéis de países ricos e de terceiro mundo. O autor faz um alerta ao que se refere à mudança da paisagem, ou seja, “a ocupação e a transformação pela sociedade, mostram a mudança da sua paisagem e “escondem” os processos pelos quais a área passou”.

Perante essas modificações, ao longo do século XX, principalmente da década de 1930, a questão ambiental e, em especial, a proteção da natureza, se impôs na agenda de reformas do Estado, sendo incorporada no aparato jurídico e institucional brasileiro, como objetivo complementar a política de desenvolvimento nacional. Isso pode ser observado na Constituição de 1934, onde pela primeira vez, a proteção da natureza aparece como princípio básico e é considerada “patrimônio nacional admirável a ser preservado” (LITTLE, 2003; MEDEIROS et al., 2004).

É neste sentido que se tem as Unidades de Conservação, instituídas por lei, e podem ser divididas como de proteção integral ou de uso sustentável (SNUC, 2000). Essas áreas abrangem hoje temas diversos, porque estabelece limites e dinâmicas de uso e ocupação, podendo ser considerada como uma estratégia de planejamento. Como instrumento administrativo destas, existe o plano de manejo, documento técnico, de criação obrigatória em cada unidade de conservação, nesse plano é especificado as ações que cada unidade deve atingir em termos de conservação e preservação da biodiversidade.

Com o passar do tempo esses conceitos e concepções são analisadas de formas diferenciadas, a partir da contextualização do espaço geográfico contemporâneo. Faz-se indispensável, então, refletir sobre como a Geografia



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

concebe esta categoria na constituição do conceito de espaço geográfico. Observa-se através de estudos que o critério tempo é um fator extremamente importante na modificação da paisagem, além dos fatores humanos e conseqüentemente culturais.

Nessa perspectiva Schier (2003, p.81) ainda cita Claval (1999, p.420), afirmando que não há compreensão possível das formas de organização do espaço contemporâneo e das tensões que lhes afetam sem levar em consideração os dinamismos culturais. A paisagem, portanto está associada em uma apreensão objetiva (científica) e subjetiva (artística).

A partir de 1950 a paisagem geográfica deixa de ser local e passa a ter conexão com o mundo. Esse período envolve inquietação estética e ecológica, ambas tentando construir um novo discurso sobre natureza e, conseqüentemente, sobre a paisagem. Após 1970 o conceito da paisagem emerge para além da descrição, reconhecendo aspectos inerentes às relações sociais (LUCHIARI, 2001).

Para Cosgrove (1998), com a retomada do conceito de paisagem na década de 1970, surgiram novas definições embasadas em outras matrizes epistemológicas. A paisagem apresenta-se simultaneamente as diversas dimensões que cada matriz epistemológica privilegia. "Podem ser observadas as seguintes dimensões: morfológica, funcional, histórica, espacial e simbólica."

Tomando-se como referência para nossas intenções, o conceito expresso por Milton Santos (1997), no qual o espaço geográfico constitui "um sistema de objetos e um sistema de ações" que: é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá.

De acordo com os estudos desenvolvidos por Santos (2000, p. 172) apud Saquet (2007), "na era da ecologia triunfante, é o homem quem fabrica a natureza, ou lhe atribui valor e sentido, por meio de suas ações já realizadas em curso ou meramente imaginadas. Por isso, tudo que existe constitui uma perspectiva de valor".

Para a Geografia Tradicional, as materialidades da paisagem sempre estiveram expostas à objetivação do tipo positivista, o que comprometeu, durante



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

muito tempo, uma explicação cultural mais aprimorada. Na Geografia Cultural, a paisagem sempre representou a expressão material do sentido que a sociedade dá ao meio. Buscou-se a substância da paisagem na relação entre forma e conteúdo, materialidade e representação, paisagem e imaginário coletivo.

Na visão de Suertegaray (2000), de uma perspectiva clássica, os geógrafos perceberam a paisagem como a expressão materializada das relações do homem com a natureza num espaço circunscrito. Para muitos, o limite da paisagem atrelava-se à possibilidade visual. Já Bertrand (1968), ao propor o estudo de Geografia Física Global, pensou a paisagem como "resultado sobre certa porção do espaço, da combinação dinâmica e, portanto instável dos elementos físicos, biológicos e antrópicos que interagindo uns sobre os outros fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em contínua evolução".

Neste aspecto, caracterizar paisagem em espaço geográfico pode-se argumentar que, paisagem é "transtemporal" juntando objetos passados e presentes, numa construção transversal. Esse espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. Ou ainda, paisagem é um sistema material, nessa condição, relativamente imutável, espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente (SUERTEGARAY, 2000).

A vinculação do natural e material é concebida na perspectiva de Milton Santos (1997), a paisagem como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando-a como forma, ou seja, é o conjunto de forma que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza", ou ainda "a paisagem se dá como conjunto de objetos reais concretos".

Sendo assim, o homem transforma a paisagem natural com base na sua percepção, grau de antropização e seus desígnios, com a qual identifica formas distintas que a compõe. A necessidade, a criatividade e a cognição dos homens conduzem os arranjos espaciais que compõem uma nova paisagem; uma paisagem construída, uma paisagem artificial sobre a natural ou uma paisagem cultural (CORRÊA, 1998).



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

Nesse contexto, o processo de desenvolvimento econômico firmou suas bases na utilização de “recursos”, dentre eles cabendo destacar os recursos naturais, o trabalho humano e a tecnologia, fatores que, juntos, compõem o processo de produção e que são alocados por orientação do mercado, principalmente na chamada era da globalização. Desse modo, a natureza, considerada como o universo das formas e dos processos físico-químicos e biológicos, agora se reveste de uma significação geográfica em termos de espaço social, constituindo-se numa geografia cada vez menos natural e cada vez mais antropizada (BERTRAND, 2009).

Contudo é importante destacar que com o avanço do conhecimento sobre a diversidade biológica e com a fundamentação teórica da biologia da conservação, novos critérios passaram a ser considerados. Atualmente, as metodologias utilizadas para seleção de áreas prioritárias para conservação, baseiam-se na distribuição de espécies ou se fundamentam na distribuição de ecossistemas (DRUMMOND et al., 2006)

De acordo com Bresolin (2002), “[...] a criação de Unidades de Conservação é a forma mais tradicional de se conservar ecossistemas, no entanto, em muitas UC o manejo é inadequado e sem critérios de conservação, determinando a formação de ilhas isoladas”. Partindo dessas considerações, o autor relata que tal aspecto está associado ao desmatamento, o qual reduz a capacidade de absorção dos impactos antrópicos.

O artigo 2º, inciso I, do capítulo I da Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000, define “unidades de conservação” como:

O espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo poder público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. (BRASIL, 2000).

A maior parte das áreas protegidas do mundo foi criada, entretanto, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, sob um cenário de forte crescimento das populações e do aumento das pressões sobre o meio ambiente, em decorrência da



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

crescente urbanização, da expansão da agricultura, da extração e do manejo florestal, assim como da extração mineral. Tais pressões implicaram maior reconhecimento da importância das áreas protegidas e da preservação da biodiversidade, já que os benefícios fundamentais derivados da conservação da natureza são, em sua maior parte, intangíveis, relacionados com recreação, bem-estar físico e o valor intrínseco da própria natureza (TERBORGH, 2002).

Então, nessas abordagens observa-se mais uma vez o que se refere à questão relacional. Há sempre uma inter-relação entre sujeito/objeto questão debatida por Spósito, indivíduo-meio. Assim que ocorrem os processos de transformação do espaço, por questão de poder ou por mera necessidade e conseqüentemente a modificação das paisagens pré-existentes.

A existência de legislação nacional que permitiu instituir as chamadas "unidades de conservação" reflete a preocupação de parcela da sociedade sobre o uso inadequado dos recursos naturais, constantemente ameaçados. Essas áreas naturais legalmente protegidas dizem respeito à proteção desses espaços contra a ação humana, ainda que também para benefício humano. A essência da conservação é a defesa de porções de espaços naturais em relação às atitudes humanas majoritariamente destrutivas.

Diante do exposto, é alarmante como as diferentes forças relacionadas às causas que tratam de valores e bens comuns a toda sociedade se confrontam com as iniciativas de conservação, mas não se unem naturalmente contra situações de destruição (RUNTE, 2002).

Sendo assim, o planejamento ambiental pode ser definido como o controle e desenvolvimento da interação entre ambiente natural e desenvolvimento social, ou como a regulação das inter-relações entre natureza e sociedade para aperfeiçoar as interdependências entre as bases naturais da sociedade e as estruturas das atividades e produção. Dessa forma, o planejamento ambiental deve visar à harmonização da oferta e do uso dos recursos ambientais no espaço e no tempo.



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando-se do conceito de paisagem, conclui-se que os seus significados, objetivos e subjetivos, marca e matriz, real e representação, material e (l) material, tempo e cultura formatado no espaço, é carregado de múltiplos símbolos, reveladora de relações de poder, que nos confirma a polissemia e amplitude de tal conceito. Assim analisado o conceito de paisagem, enquanto materialidade do espaço, percebida como um produto histórico de transformações naturais e culturais contribui para a interpretação e conhecimento dos lugares, com seus elementos diferenciados e comuns, interagindo.

Apreender a paisagem para alcançar as variações, solicita-se ter noção desse artifício, de um lado, para que se aperfeiçoem recursos que são indispensáveis a vida do homem enquanto sociedade, e por outro, em indicar como se deve atuar na paisagem, tanto natural como cultural. Remete-se de imediato para a ideia de um espaço geográfico socialmente apropriado, regulado, construído e politicamente organizado. Traz a Geografia como produto da construção social, lugar de confronto, de tensões, de conflitos de uso e de apropriação e principalmente transformação.

Neste caso, as identificações dos elementos que estruturam a paisagem contribuem para compreender os processos de sua transformação que se configura em uma nova paisagem. As Unidades de Conservação são tidas como mecanismos de preservação e conservação dos recursos naturais com relevante interesse para a sociedade. Consideradas instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente, com objetivo de preservar, melhorar e recuperar a qualidade ambiental, visando assegurar condições ao desenvolvimento socioeconômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana.

REFERÊNCIAS:

BERTRAND, G. **Paisage y Geografia Física Global**. In MENDOZA, J.G.; JIMINES, J.M. y CANTERO, N. O. (Orgs) El pensamiento geográfico. Estudio interpretativo y



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

antologia de textos (de Humboldt a las tendencias radicales). Madrid: Alianza Editorial, 1982.

BOLÓS, M. Manual de Ciencia del Paisaje: Teoría, métodos y aplicaciones. Gráficas Aleus SA, Barcelona, 1992.

CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny Organizadores. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.124p.

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro : Ed.UERJ, 2001. In. LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re) significação da paisagem no período contemporâneo.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.92-123

DOLLFUS Oliver, 1991.Todos os direitos reservados a Editora Bertrand Brasil AS, 5ªed.1991- Título original: **L'Espace Géographique**, Coll, Que sais-je? nº 1.390

GOMES, P.C.C. (1996): Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

LUCHIARI, M.T.D.P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In. Roberto Lobato Correa, Zeny Rosendahl (Org.)Paisagem, Imaginario e Espaço.1ed. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

MAGRO, T. C. Manejo de Paisagens em Áreas Florestadas. Série Técnica IPEF, Piracicaba, v.10, n.29, p.59 – 72, Nov.1996.

SCHIER Raul Alfredo, Mestre em Geografia,UFPR R.RA´E GA, Curitiba,n. 7 p.79-85,2003 Editora UFPR.

SOUZA, M.J.L.de. O território; sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I. E. De/ GOMES, P.C. da C. e CORRÊA. R.L.(orgs.)Geografia conceitos e temas. Rio de Janeiro: Editora Huditec/Editora Bertrand Brasil. S.ª,1995.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (Org.), BASSO, Luis Alberto(Org.), VERDUM,ROBERTO (Org.). Ambiente e Lugar: A Grande Porto Alegre. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000. v,1.239p.



II ENDER - Encontro Interdisciplinar de Desenvolvimento Regional

IV SEMAGE - Seminário de Avaliação e Disseminação
do Grupo de Pesquisa GERA

14, 15 e 16 de Agosto de 2018

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. 1. ed. –São Paulo: Expressão popular, 2007.

SPÓSITO Eliseu Savério. **A Vida nas Cidades**.5 ed- São Paulo: Contexto, 2004.- (Repensando a Geografia).